



## FESTIVAIS NA LÍMIA E NO CONDADO

No equador do verao, oferecemos desta volta duas interessantíssimas opções de lazer e reivindicação no sul do País. A 21 de Agosto, na Sainça (Rairiz de Veiga), chega a quinta edição do Festival da Mocidade, organizado por Aguilhoar e em vias de consolidação graças ao trabalho do associacionismo limiao. Já em Setembro, nos dias 3 e 4, decorre em Salvaterra de Minho a XXIV edição do Festival de Poesia do Condado, um dos eventos mais veteranos do País e que nom precisa apresentaçom.

## CRIAÇOM

Rafael Xaneiro é um compostelám que toca todos os géneros da criaçom. Após um breve episódio de ventriloquia, dedicou-se à literatura e à música, com formaçoms tam saudosas como Punk de Broa, Pedramol ou The Tombstones. O último Ano Santo, que ele viveu de perto (concretamente desde as Casas Reais de Compostela) está na origem do relato gastronómico que nos oferece.

## ANDREI RUBLEV

Segundo filme dirigido por um dos mais brilhantes cineastas russos de todos os tempos, Andrej Tarkovski, e do ano 1966, alguém tem dito que seria ao cinema russo o que o romance de Tolstoi "Guerra e Paz" é para a literatura russa.

## TEMPOS MODERNOS

# O dia que as ovelhas papam o lobo

Xavier Viana

O dia 5 de cada mês é feira em Chantada. O dia 1 é em Monterroso, o dia 4 em Taboada, o dia 6 em Monforte, o dia 7 em Palas, o dia 8 em Escairão, o dia 9 em Portomarim, o dia 10 em Antas, o 17 em Castro... disque já não são feiras como as dantes, ou isso é o que dizem os velhos, mas como a memória selecciona as lembranças e estas elevam aos altares os feitos vividos durante a juventude, procuraremos com estas palavras fazer um retrato das feiras do nosso tempo que são, em realidade, as que nos interessam como centros de comunicação social e de intercâmbio económico. É dizer, as feiras são espaços de criação e transmissão cultural.

As comunidades, como as aldeias e as vilas, sobrevivem não nas suas gentes mas nos seus rituais e celebrações, onde o espaço publico transcende o espaço familiar convertendo os lugares de encontro em epicentro da vida humana, convertendo a biologia em cultura.

Passeamos pela feira. Durante a manhã a compra e venda de produtos da terra, roupa, música, vacas e bezeros, o regateio permanente, os trileiros, as ofertas impossíveis, o dinheiro a trocar de mãos, permite-nos adivinhar um lugar de identificação para a comunidade consolidado com a passagem dos anos sem entender nem necessitar do capital financeiro. As ruas da vila enchem-se de vizinhos das diferentes paróquias que se encontram, sem combinar, para botar um conto e comprar aquilo que precisam, como todos os meses pela mesma data.

Na hora do jantar, a nave preparada para tal coisa na feira de Chantada está ateigada. Está no novo mercado de gado, esse mesmo recinto que os organizadores do Castanhaço-rock utilizam para o mítico festival bravu que se celebra todos os anos por Santos. Fora, os caldeiros do Carvalhinho cozem o polvo sem trégua. As mesas partilhadas por camponeses, operários da construção,



empregados de banca, advogados, empresários locais e mestres cantam e falam, fazem sonhar com a eternidade. Todos seguem um mesmo procedimento que implica vários rituais aos quais se lhes dedica o tempo que seja preciso. Não existem as pressas. Apanha-se lugar numa mesa com espaço livre, vai-se comprar o pão e o vinho e, finalmente, o polvo, com ou sem picante, faz a sua aparição estelar entre os comensais.

Outra coisa são as festas e romarias, que têm lugar especialmente nos meses de verão.

Ainda que as feiras recolham elementos de diversão e alegria, as celebrações festivas são a necessária e imprescindível fuga humana do tédio, da monotonia, da escravidão do trabalho diário, com o firme propósito de viver algo mais estimulante, emocionante e apaixonante. As festas são um universal. As festas e romarias são uma peça de especial importância que permite, possibilita e reforça a reciprocidade comunitária ou essa obrigatoriedade do dar, do receber e do devolver. A casa organiza a festa (o dar), para que os con-

vidados (parentes e amigos) acudam (receber) a troca de que estes os convidem à festa da sua paróquia quando a data o indicar (devolver). Faz-se tudo pela casa, não pelas pessoas, assim que não está permitido omitir as obrigas que correspondem a cada momento: preparação da casa e do jantar, formalizar os convites ou mesmo exercer de ramistas. Os ramistas são os responsáveis de organizar a festa cada ano na paróquia. É um cargo anualmente rotatório que se distribui entre os vizinhos seguindo algum critério que todos conhecem: por aldeias, por casas... são os encarregados de contratar os gaiteiros para as alvoradas e as orquestras, grupos ou bandas para as verbenas e "sessões vermutes", de organizar as actividades lúdicas, de montar o buchinche e de arrecadar o dinheiro entre as casas da paróquia para pagar os gastos. No campo da festa juntam-se os vizinhos, e os seus convidados, indiferentemente da idade, durante todas as horas do dia e da noite. São as histórias a descobrir por quem goste de as viver. Há dúzias de contos festeiros em cada uma das paróquias. Mas, qual é a melhor festa da comarca? e a pior?

Porque o dia da festa as ovelhas papam o lobo...



## FESTIVAL DE POESIA DO CONDADO

3 E 4 DE SETEMBRO, SALVATERRA DO MINHO

# XXIV FESTIVAL DA POESIA: LÍNGUA E SERVIÇOS EM MAO COMUM

O Festival da Poesia pretende cada ano unir festa e reivindicação, escolhendo sempre um lema que centre as iniquidades do colectivo. 'Língua e serviços em mau comum' centra nos ataques à língua e no retrocesso dos serviços públicos uma preocupação general polo incremento contínuo das agressões contra todo o que suponha património popular, contra todo o público e galego.

Desestruturación da sanidade pública, relegación do ensino público fronte ao potenciamento do privado, gestom privada dos recursos naturais, falta de direitos lingüísticos, ausência de serviços de transporte colectivo, comunicacións nas mans das empresas... som diferentes pezas de un quebra-cabeças em

que se ilustra a acumulación de poder por sectores cada vez mais reducidos e a infamia da homogeneización cultural.

Escolhe-se a língua polo contexto em que se encontra (perda de falantes, diminuição de espaços para o seu uso, aumento de prejuízos lingüísticos e difusom interessada dos mesmos, discriminação em todos os níveis do ensino), mas também para dar resposta à penúltima ideia desenvolvida polos sectores mais recalitrantes do espanholismo: a falácia da imposição.

A reivindicação duns serviços públicos, universais, gratuitos e de qualidade centram a outra parte da legenda. Ensino, saúde, transportes, água, luz, gás... vam-se ou fôrom-se des-

lando e deixando nas maos das empresas, a diferentes ritmos, mas com o mesmo objectivo: que o povo tenha que pagar polo que é do povo.

Todos estes aspectos vam estar presentes durante o Festival da Poesia; em forma de debates, de intervençoms públicas, nos poemas, nas cançoms.

### Sociedade Cultural e Desportiva do Condado

A Sociedade Cultural e Desportiva (SCD) do Condado é umha organização aberta e plural que trabalha pola difusom da cultura galega de umha perspectiva de compromisso com o País e com o seu desenvolvimento sociocultural.

Está apoiada por mais de 150 sócias e sócios e nela participam sectores nacionalistas, independentistas, pessoas de esquerda e activistas de todo o tipo, que compartem a vontade de trabalhar pola animação cultural da comarca como contributo para o desenvolvimento da nossa identidade.

Com sede em Salvaterra do Minho, tem como âmbito de actuação o Condado, ainda que centra o grosso das actividades no concelho raiano.

Independente de instituições e nascida em Novembro de 1973, tem realizado numerosas actividades ao longo da sua história. Desde 1981 organiza o Festival da Poesia, o encontro poético-musical e cultural de maior envergadura na Galiza. Esta festa "tenta de ser o xérmolo do xunguimento, nunha nova perspectiva, no que o factor común seña a unidade solidaria diante da agresión cotián", como dizíamos na apresentação da primeira edição.

Na actualidade centramos a maior parte do nosso trabalho no Festival, e continuamos a realizar festas populares como os magustos e outras actividades de tipo cultural e social.

## PROGRAMA

### SEXTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO

- 19:30. Covas de Dona Urraca/Casa do Conde  
Apertura de exposiçoms  
Pintura: monográfico do Zeca Afonso, monográfico do Che Guevara
- 20:30. Covas de Dona Urraca  
Projeçom de audiovisuais
- 22:30. Covas de Dona Urraca  
Noite nas Minas: Sonhos  
A partir das 23:30 Caldo Verde e festa rachada com Charanga

### SÁBADO, 4 DE SETEMBRO

- 11:30. Passa-ruas  
Gaiteiros, murga e viagens no comboio de baixa velocidade
- 12:30. Zona das muralhas  
Campionato de Bilharda  
Feira Popular: colectivos e artesanato
- 13:00. Casa do Conde  
Palestra com colectivos sociais
- 17:00. Zona das muralhas  
Festa infantil
- 19:00. Covas de Dona Urraca  
Curtas premiadas no Festival de Cans
- 20:30. Zona das Muralhas  
Festival poético-musical
  - Apresenta: Berrobambán
  - Poetas: Alicia Fernández, Branca Novoneyra, Carlos Quiroga, Carlos Negro, Calros Solla, David Rodríguez, Elvira Riveiro, Kiko Neves, Laura Branco, Samuel L. París, Samuel Solleiro, Tiago Gomes
  - Grupos: De outra Margem, Uxía, Labregos do Tempo dos Sputniks, Os Tres Trebóns, Afro-Vungo

## COMO CHEGAR?

### - Autoestrada AP-9

Antes de chegar a Vigo, desviamos-nos cara ao Porrinho / Ourense. Depois, saímos para a A-52, em direcçom a Ourense. Depois, colhemos o desvio cara a Ponte Areias e seguimos as indicaçoms.

### - Estrada N-550

Imos na mesma estrada até o Porrinho. Ali, continuamos em direcçom a Tui e, nuns três quilómetros, torzemos para o desvio Salzeda / Salvaterra.

### - Autovia A-52

Pouco depois do túnel da Franqueira, tomar o desvio a Ponte Areias e, na saída, virar à esquerda cara a Salvaterra.

### - Autoestrada A3-IP1

Sem saír do caminho principal, continuar até o desvio a Salzeda / Salvaterra, poucos quilómetros depois de passar a raia.





## FESTIVAL DA MOCIDADE

21 DE AGOSTO NO CONCELHO DE RAIRIZ DE VEIGA

# CINCO ANOS DO FESTIVAL DA MOCIDADE, AGORA NA SAINÇA

Umha nova edição do Festival da Mocidade, organizado pelas sócias e sócios da Aguilhoar, está em andamento com o intuito de oferecer a todas as e os limiaos um espaço de lazer alternativo e que este ano terá como novidade a sua localização na aldeia da Sainça, no concelho de Rairiz de Veiga e cujo tema de debate central será a luta feminista e anti-patriarcal.

Mais um ano, a autogestom e autofinanciamento do festival será outro dos elementos mais salientáveis deste festival lúdico-reivindicativo, e que nesta ocasiom pretendem convidar a todas e todos a umha jornada completa, que começará já de tarde até a noite, inclui formaçom, gastronomia e festa, disponibilizando mesmo umha zona de campismo para passar a noite.

### Cinco anos de Festival

Este ano cumprem-se já cinco anos desde aquela primeira experiência em Vilar de Santos naquele chuvoso dia de 18 de Agosto de 2006, data muito especial que confirma já este evento como fixo no calendário de verao de muitos e muitas jovens da comarca e nom só, que acreditam numha outra Galiza, rebelde e combativa.

Embora o calendário de actividades nom esteja fechado, podemos adiantar parte da agenda desta quinta edição. Assim a pequena aldeia da Sainça, bem conhecida em todo o sul da Galiza por se celebrar nela umha das romarias com mais sucesso e mais importantes do país ("Festa dos Mouros e Cristiaos"), acolherá diferentes actividades com temática arredor do feminismo e a luta anti-patriarcal organizadas em exclusiva pola assembleia de mulheres da

Aguilhoar, como por exemplo um encontro de colectivos feministas, exposiçons, jogos, teatro de rua, etc, bem como umha grande comida popular, à que animam a todas e todos a participarem, com acompanhamento musical de pandeireiras e, por último, os concertos musicais, que neste ano combinaram grupos conhecidos por tocarem com sucesso em ediçons anteriores, como os estradenses "Esquíos" e os compostelanos "Post Mortem", e a novidade dum dos grupos emergentes do hardcore galego, os vigueses "Sem Resposta". Ainda, a festa continuará no Local Social da Sainça no que continuará a festa com música galega até o corpo agüentar.

Assim, com a intençom de

organizar nom só umha noite de música, mas umha jornada intensa e completa de actividades desde a tarde a até a noite, estarám à disposiçom de todos aqueles que participem das actividades do evento um posto de comida a preços populares, umha barraga para se proteger perante as eventuais inclemências meteorológicas para melhor desfrute do mesmo. Ainda, contará com umha zona de campismo de balde, para aquelas pessoas que venham de fora ou aquelas que optarem por ficar a passar a noite na Sainça. Por último, como já referimos, estará à disposiçom o local social da Sainça para continuarmos a diversom, bem como casas de banho públicas.



SANDRA, NOELIA, ESTHER E VERA, RESPONSÁVEIS POLA ORGANIZAÇOM

## "O evento desloca-se polos constantes atrancos com a Câmara Municipal e o assédio da Guarda Civil"



**P:** Esta é já a quinta edição do Festival da Mocidade, que avaliaçom fazedes?

**R:** A cada ano que se passa a experiência proporcionou-nos um maior dinamismo e umha maior facilidade para a organizaçom de cada umha das tarefas necessárias.

**P:** Que acolhida tivérom ediçons anteriores?

**R:** A primeira edição do festival, celebrado em Vilar de Santos no ano 2006, coincidiu com a celebraçom do 25 aniversário da AGAL, a maioria dos actos foram focados neste acontecimento, centrando-se a temática na defesa da língua. O segundo ano, no mesmo lugar, tivo como temática o direito de autodeterminaçom.

No 2008, celebrou-se a terceira edição, deslocando-se a Ginzo de Límia. Coincidindo com os cinquenta anos da aprovaçom do decreto da secagem da Lagoa de Antela, a temática foi a defesa da Terra.

Por último, o festival mais sucedido e com maior acolhida até agora foi o quarto celebrado também em Ginzo de Límia, sob o tema da crise capitalista, cujas graves conseqüências estavam a afectar à maior empresa da comarca limiá, "Vidriera del Atlántico". Contámos com a presença do presidente do Comité de Empresa e com trabalhadores afectados.

**P:** Qual é o atractivo deste ano?

**R:** Este ano o festival realizar-se-á na aldeia da Sainça, lugar com um grande atractivo porque é dos poucos pontos da comarca que ainda nom sofreu o terrorismo ambiental, conservando-se como antes da seca-gem da Lagoa de Antela.

Nesta já quinta edição a temática central do festival será a luta feminista na Galiza de hoje, sobra a qual teremos actos durante toda a tarde e toda noite, para além de umha ceia popular aberta a quantos quigerm assistir e o remate da noite com concertos.

**P:** Qual é o motivo da mudança de localizaçons?

**R:** A Aguilhoar abarcou desde os seus começos os concelhos de Vilar de Santos e Ginzo de Límia. Depois, com a abertura do centro social em Ginzo, decidiu-se deslocar o festival para a capital da comarca. A decisom de voltar a se deslocar deveu-se, para além da ideia inicial de fazermos um evento que fosse deslocando-se pola comarca, os constantes atrancos com a Câmara Municipal e o assédio da Guarda Civil, que neste último ano tem levado contra a hotelaria local.

+ Mais informaçons:

<http://festivaldamocidade.blogspot.com>



## CRIAÇÃO

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**R**afael Xaneiro é um compostelán que toca todos os géneros da criação. O último Ano Santo, que ele viveu de perto (concretamente desde as Casas Reais de Compostela) está na origem deste relato gastronómico.

## Verao em Compostela

**Q**ue bonito era o verao em Compostela... Lembras quando subíamos à varanda da minha casa e tirávamos ovos com bechamel aos peregrinos? Eles moviam-se seguindo as regras da dinâmica de grupo polas Casas Reais arriba, escachando as esplanadas dos bares que topavam à sua passagem. Nom podiam parar. E nós amparávamos-nos nessa inércia como escudo protector, lembrás? Eu remexia o leite quente com a manteiga e ti esluías, jeitosinha, a "maiceina" num copinho pequecho para que nom fisesse grumos. Logo extraíamos as gemas e enchíamos o ovo de atum caducado de três meses (às vezes com maionese, pesto ou molho tártaro). Que bonito eram as caras dos peregrinos cobiçosos de ganhar o jubileu pingando o molho branco pernas abaixo, ou polas meixelas. A algum esvarava-lhe pola caluga e descia a coluna até o osso sacro e ali misturava-se com as pinguinhas de suor amarelo que vinham acugulando desde o Monte do Gozo. E o do bar de enfrente, com o pau na mao maldizendo o Papa mentres turrava da sotaina dalgum curinha que nada tinha a ver com a euforia espiritual dos recém-chegados, que só passava por ali e ocorreu-se-lhe a

triste ideia de cruzar a rua para visitar uns amigos que viviam no andar do outro lado e que estavam de 25.º aniversário de bodas. Depois as rulas a bicarem a reluzente careca mal-tapada da velha que dirigia o cántico salesiano de entrada na Cidade Santa e as pegas, animadas por tal evento gastronómico, uniam-se à festa em pares ao ritmo anfibrico de bombo e prato, que nom soavam, mas que todo o mundo levava na cabeça seguindo o compasso. Alguns desciam ainda pola rua de Sam Pedro e, vendo o balbordo que os precedia, recolhiam cadansuas lastras para se tirar uns aos outros como manifestação de flagrante pecado antes de chegar à catedral e ficar definitivamente purificados; outros praticavam castigos carnisais nos portais, deitados despidos no piso de ladrilhado recendente de humidade para se ir fazendo umha ideia das penitências que honrosamente lhes seriam outorgadas em diploma polos sacerdotes catedralícios para o perdóm das suas falhas, com esse amigável sorriso que só os curas confessores som quem de desenhar nos seus beijos. E nós a nos bicar apoiados na varanda, com o sol do serao começando a cair e aquecendo-nos um pouco mais por baixo que de

costume até que nom aguentávamos mais e esvaziávamos asinha o prato com os restos da experiência culinária em cima dos retardados do grupo (que já nom funcionavam em base às mesmas leis da dinâmica e chegavam ainda a parar-se em comitivas de grupúsculos subalternos e mesmo em representações individuais que berravam escandalosamente olhando a nossa varanda e que a nós nom nos importava em absoluto) para rematar dumha vez com a diversom encetada e, obviando a bouga da rua, eu ir baixando-che as cuecas por baixo da saia que mercaras no Zara de fim de temporada e que che sentava mui bem, especialmente nesse roto que tinha, porque vinha defeituosa de fábrica, que deixava ver umha pequena linha da parte interior da tua coxa esquerda (que era a que a mim mais me gorentava). E ti tirar-me o cinto que tanto che custava porque lembrava os homens dos anúncios de aftershave com esse abdome quadriculado que eu nunca tive e que a ti tampouco che importava e, de feito, fazia-che graça a comparaçom. A vizinha da frente à direita, umha dessas velhas encantadoras que sempre pensou que eu era um bom rapaz, que já me conhecia de pequeno, olhando

para nós, sempre lhe caíras mui simpática e tampouco ia mudar esta opinião, e saudando alegremente mentres nós, com os dedos humedecidos, nom deixávamos a cortesia, porque há gente a que simplesmente nom lhe podes negar a cortesia, e ela rematava de sacudir o tapete que deitava nuvens de pó sobre o último peregrino amolado, tendo tempo ainda para fazer um comentário interessando-se polo cancro de pulmóm do meu tio Facundo.

Que bonito era o vestido de noite que prematuramente sacava à rua a filha de dona Gertrude, que já por fim aprovara a selectividade e podia ir à universidade e havia que celebrá-lo, mentres jogávamos a ver quem gemia mais alto e unia-se-nos o de duas casas mais arriba com a janela aberta dando-lhe volume ao CD de Sepultura acadando um notável êxito que nom só nom nos amolava mas que nos fazia mais graça porque eu já nom te ouvia a ti e ti nom me escuitavas a mim, e assim rematamos sem saber quem fora o primeiro e quem o último. Os dous molhados nessa lentura agradável do sol-pôr.

Que bonita era a rua estrada de bechamel. Que bonito era o verao em Compostela.



## CINEMA PARA PENSAR

### Andrei Rublev

Francesco Traficante

**S**egundo filme dirigido por um dos mais brilhantes cineastas russos de todos os tempos, Andrej Tarkovski, e do ano 1966, alguém tem dito que seria ao cinema russo o que o romance de Tolstoi "Guerra e Paz" é para a literatura russa.

Algo nada descabelado umha vez visto o filme. A modo de ícones, o filme se compom de umha série de peças com as quais vamos acompanhando o pintor desde finais do século XIV até as duas primeiras décadas do XV, época em que os russos estavam submetidos ao controle dos tártaros, a quem tinham que pagar impostos e mostrar servidom, apesar de terem certa autonomia através dos príncipes. O filme, além de ter

umha estética a preto e branco propositada, mostra um lirismo e umhas imagens que ficam na nossa memória visual pola sua tremenda potência. Mas a isto ainda há que somar-lhe um dos retratos mais realistas e rigorosos da Idade Média, tanto a nível social como da sua mentalidade. Vemos as distintas tipologias, desde o bufom encarcerado por meter-se com o poder, até umha povoaçom que se nega a seguir o cristianismo dogmático da Igreja cristá ortodoxa, lembrando de certa maneira a rebeliom ao cristianismo oficial que representou o priscilianismo na nossa terra, passando pola exploraçom dos labregos por parte dos mosteiros e os seus freires, motivo polo qual um dos monges amigos de Andrei Rublev decide deixar os hábitos,

pois o próprio pintor é também monge além de pintor. Mas é um pintor ao qual nom vemos pintar, pois Tarkovski usa esta personagem na maioria das vezes como testemunha passiva para que observemos a crueldade do poder e a dureza da vida na época medieval. Encenada com um rigor absoluto, longe do cartom-pedra de muitos outros filmes do género histórico, e ainda cingindo-se á Idade Média russa, a verdade é que a leitura pode ser extensiva ao resto de Europa. Aparecem também as luitas cruentas polo poder entre irmaos pertencentes à nobreza por alcançarem o poder, a violência diária que estes exercem na populaçom, absolutamente submetida polo terror aliado exercido pola nobreza e a Igreja em conjunçom. Vemos as guerras contra outros povos, como o ataque e saque desapiedado que fam os tártaros às vilas russas cientes

da inevitável perda de controle de Rus (nome tradicional da primeira Rússia antes da expansom iniciada com Ivám III ou Ivám O Grande poucos anos depois da localizaçom cronológica deste filme). Observamos a crueldade da violência e das torturas exercidas, o sofrimento do povo refugiado no templo e na religiom como recurso para superar tantos medos e dificuldades. O director divide o filme em distintas partes acompanhando cronologicamente as distintas fases da vida do pintor igual que um desses quadros medievais divididos em distintas partes, como a típica que reflecte as distintas partes da vida de Jesus Cristo, para fazer-nos umha panorâmica da sociedade e a evoluçom histórica da época. A última destas cenas, a construçom de um sino, metaforiza umha sociedade perfeitamente estruturada e fechada, onde cada um ocupa o

seu lugar, e cada um procura tirar rendimento da elaboraçom desse sino: o jovem sineiro Boriska sobreviver, a Igreja engrandecer-se um bocado mais, o Príncipe a os seus nobres, demonstrar o seu poder, e o povo, simplesmente desfrutar do tanger desse novo sino e colaborar no seu transporte para manterem os detentores do poder contentes. O director filósofo por excelência, Tarkovski, nom esquece ao mesmo tempo fazer-nos reflectir sobre o papel do artista na sua sociedade, até que ponto deve comprometer-se com o poder ou com os oprimidos, se vale a pena tentar reproduzir a beleza para deleite da gente, ou polo contrário os horrores para denunciar esse mesmo poder. Filme complexo, que como os grandes filmes da história, pode ser analisado desde múltiplos pontos de vista, pois permite tantas leituras como espectadores.